

# MEIA VERDADE LINGUÍSTICA



**Sandra Bozza**  
Mestre em Ciências da Educação, especialista em Literatura Infantil. Autora de livros técnicos e didáticos na área de Língua Portuguesa e Avaliação. Professora de Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Alfabetização e Letramento, de Literatura Infantil e de Linguística

**U**m dos mais complexos conceitos que a escola precisa mediar para que as crianças aprendam a ler, de fato, é que a escrita representa a fala e não diretamente o mundo físico ou as ideias, isto é, a escrita é uma representação de segunda ordem. A fala seria uma representação de primeira ordem, pois há uma relação direta entre o objeto ou ideia e a cadeia sonora que nomeia esse objeto ou essa ideia. Além de ser um conceito pouco compreendido por quem não é especialista na área (linguista ou fonoaudiólogo), o ensino desse conceito é de difícil didatização, porque quem aprende teria de ter grande base no assunto *ideia de representação*. O trabalho com a ideia de representação, quando bem elaborado pela escola, facilita a compreensão do que é a língua escrita para a criança.

A melhor maneira de fazer com que os alunos compreendam e abstraíam de uma vez por todas esse fenômeno é o uso intenso da língua escrita no interior da sala de aula. A cada produção de texto coletivo ou do registro daquilo que cada criança fala ou desenha, a professora pode explicitar que está convertendo a fala para a língua escrita. Da mesma forma, quando são lidos textos de livros, jornais e revistas, é possível refletir com os alunos que tudo que está escrito se transformou em fala. Essa prática, embora embrionária, já faz parte de grande número de encaminhamentos no cotidiano escolar e muito tem contribuído para a construção do conceito de *língua escrita*.

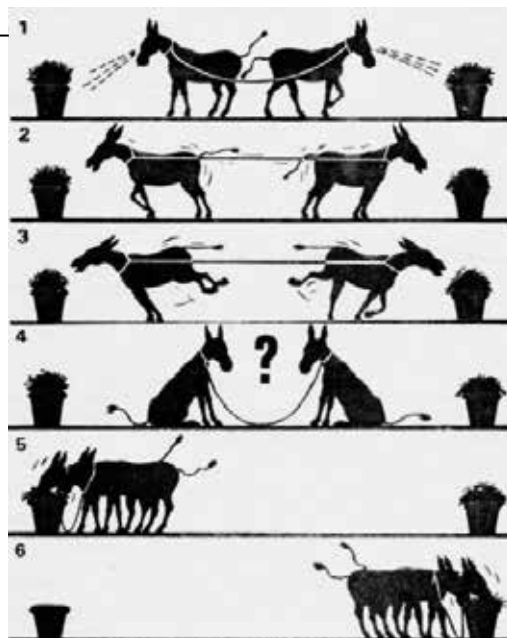


Todavia, em alguns casos, mesmo naquelas turmas que praticam frequentemente as produções coletiva e individual, e até em anos mais avançados de escolaridade, há uma dicotomia entre o estudo da relação entre oralidade e escrita e o ensino da ortografia. Para muitos (educadores e leigos), ainda existe a ideia de que ensinar português é sinônimo de ensinar ortografia. Ledo engano!

Talvez resida aí o grande nó górdio que impede tantas crianças de se alfabetizar e condena tantas outras à pena de não gostar de ler nem de escrever, pois a experiência escolar não desvelou (nesse caso) o prazer e a realização que pode haver nesse ato.

Sempre que teço considerações sobre esses aspectos, vem à minha mente uma imagem corriqueira e muito utilizada antigamente, nas paredes das casas mais humildes, como a minha: os burrinhos e os montes de capim. Como no processo de alfabetização e letramento, os dois têm a intenção de se alimentar e ambos têm o alimento à sua disposição, mas as direções a serem tomadas são tão opostas que nenhum consegue seu objetivo.

Nessa imagem, quase há um estrangulamento enquanto os dois animais tentam se dirigir para os diferentes montes de capim. No caso da reflexão aqui presente, cada monte de capim representa uma concepção de alfabetização. De um lado está a alfabetização como aquisição do código gráfico (letras, sílabas e palavras); na outra extremidade, bem distante, reside a concepção de alfabetização como a aquisição da língua escrita (unidade de sentido da língua). A situação dos dois burrinhos nada mais é do que uma bela metáfora de alguns encaminhamentos metodológicos presentes em muitas salas de aula do nosso País: ao mesmo tempo em que afirmam para os alunos que tudo o que falamos pode ser escrito e vice-versa, limitam o que esses mesmos alunos podem escrever, disponibilizando poucas unidades grafo-sonoras de cada vez e afirmando que cada letra representa um único som. Ou seja, voltam à idade da pedra, quando a única forma de se alfabetizar era a partir das famílias silábicas. Assim, não é de admirar que os burrinhos quase se enforcem e que os alunos não compreendam que, apesar de saberem escrever tantas sílabas, ainda não consigam registrar o que sentem, o que veem, nem o que querem dizer.



Como é possível registrar, por exemplo, a alegria que vivenciaram em algum espetáculo de teatro ou o que viram na aula-passeio se ainda não aprenderam as famílias silábicas do *tra*, *ar*, *fle*, *in*, *pri*, *cla* e assim por diante?

Todavia, o mais crasso dos equívocos cometidos em algumas escolas é a afirmação de que cada letra representa um som. Isso não deixa de ser verdade, mas não é o que acontece com a maioria das letras do alfabeto. A relação biunívoca ou monogâmica (um som para cada letra) só existe nos pares B/P, D/T, F/V e NH. No restante do alfabeto, as relações entre som/letra são poligâmicas ou regulares, isto é, um som pode ser registrado de várias maneiras, e uma letra pode adquirir vários sons, dependendo da origem da palavra ou do lugar que ocupa nela. Por isso, linguisticamente, afirma-se que, na norma culta, pode haver várias formas de se representar um som, mas apenas uma maneira de se escrever uma palavra. Esse é o conceito a ser construído com os alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Isso pode ficar mais claro no quadro a seguir:

Como representar o som sibilante "ssssssss"		
<u>Sim</u> one	Flores <u>ç</u> a	P <u>z</u>
<u>Ass</u> ino	Text <u>o</u>	Exc <u>el</u> ente
<u>Cid</u> ade	Cr <u>es</u> ce	Cab <u>eç</u> a

A partir de exemplos como esses é que se afirma que é muito perigoso escolher uma imagem para ilustrar as letras do alfabeto, geralmente exposto nas classes de alfabetização. Induzir a pensar que a letra S só tem o som inicial da palavra sapo é apenas meia verdade linguística. Da mesma forma, ilustrar com uma casa o espaço que ocupa a letra C é negar o fato de que essa letra também representa outros sons. O melhor é construir o alfabeto com o repertório de palavras das próprias crianças e, quando for possível, ilustrar com todas as possibilidades de casamento entre o som e a letra. Exemplos interessantes podem ser as revistas em quadrinhos e os trabalhos com leitura de imagens.

Introduzir a criança no mundo letrado é uma tarefa árdua e, ao mesmo tempo, gratificante. Porém, requer competência técnica e compromisso político com a ciência e com o aluno. ■

[www.sandraboza.com.br](http://www.sandraboza.com.br)

